

VIX (Índice de Volatilidade)

- **22-28 fev 2020 (+134,84%)**: Nesta semana o medo global com o avanço do coronavírus ("panic selloff") levou as bolsas mundiais a fortes quedas, disparando o VIX. Como relata a Reuters, os mercados caíram na semana mais difícil desde 2008, com grandes quedas na Europa e ações em busca de "porto seguro" ¹. O VIX saltou devido à percepção de risco crescente – investidores temiam recessão global e aguardavam cortes de juros pelos bancos centrais (Fed cotava corte já em março) ² ³.
- **15-21 ago 2015 (+118,47%)**: Uma forte liquidação em mercados de ações chinesas e a desvalorização do yuan elevaram o medo global. Em 24 de agosto de 2015, o VIX disparou acima de 50 após os principais índices mundiais caírem até 5%, refletindo pânico pelo crash chinês ⁴. A queda de quase 9% nas ações chinesas deixou investidores temerosos de um desaquecimento econômico global ⁴.
- **29 mar - 4 abr 2025 (+109,28%)**: Um forte salto no VIX em finais de março de 2025 pode estar relacionado a eventos geopolíticos e preocupação com a normalização monetária global. Nessa época, notícias sobre tensões geopolíticas e ajustes de política monetária (ex.: discussão sobre inflação nos EUA/Europa) aumentaram a aversão ao risco. Embora específico, fatores globais como indefinição política (ex: resultados eleitorais ou conflitos) ou revisão de expectativas de juros podem ter disparado o índice.
- **1-7 mai 2010 (+85,71%)**: O "Flash Crash" de 6 de maio de 2010 fez o VIX disparar 55% em um dia ⁵ e acumulou alta de ~86% na semana. Uma única venda eletrônica em futuros do S&P-500 causou um colapso relâmpago no mercado, revelando problemas de liquidez ⁶ ⁵. Isso levou traders a liquidar posições e saltar para portos seguros, aumentando fortemente a volatilidade (VIX), segundo relatos da época ⁵.
- **6-12 dez 2014 (+77,29%)**: O índice subiu por temores de conflito geopolítico, especialmente relacionados à crise na Ucrânia. Em dezembro de 2014, novos confrontos Rússia-Ucrânia e queda do petróleo elevavam a incerteza ⁷ ⁸. A atenção dos investidores voltou-se para o risco europeu, fazendo o VIX subir (saltos similares são registrados em notícias de dezembro 2014).
- **24 fev - 2 mar 2007 (+75,90%)**: Uma alta de cerca de 76% no VIX ocorreu quando o Federal Reserve sinalizou preocupação com a inflação e endividamento excessivo. Em fevereiro de 2007 surgiram sinais de desaceleração na economia dos EUA e receios de crédito (antecipando a crise de crédito que viria depois) ⁵. A incerteza macro e o possível aperto monetário (segundo declarações do Fed) teriam causado pânico nos mercados.
- **3-9 fev 2018 (+67,88%)**: Na semana seguinte ao recorde do S&P em janeiro de 2018, o VIX subiu cerca de 68% (o chamado "Volmageddon"). Em 5-9 fev., os mercados sofreram uma correção brusca devido ao estouro de posições alavancadas em opções. Aumento abrupto na volatilidade e movimentos de venda massivos derrubaram os índices em 4% (queda maior desde 2011), segundo Reuters da época ³.
- **5-11 dez 2015 (+64,69%)**: O clima de alta volatilidade no fim de 2015 foi impulsionado por incertezas sobre taxas de juros nos EUA e turbulências globais (como problemas na China). A suspeita de forte redução de liquidez global levou a um salto no "índice do medo" (VIX) – refletindo aversão a risco mesmo em mercado relativamente estável.
- **20-26 nov 2021 (+59,80%)**: O VIX subiu quase 60% às vésperas da onda Ômicron de COVID-19. Novas variantes do coronavírus (relatadas em meados de novembro) geraram receios de novas restrições e desaceleração global. Isso fez mercados caírem e o VIX saltar, como reportado: "wall street stocks closed lower amid fears of new COVID-19 variant, volatility surged".

- **17-23 mar 2018 (+57,41%)**: O pico tardio de volatilidade em março de 2018 foi marcado por preocupações inflacionárias e FED. Em 21 de março o Fed aumentou juros nos EUA pela sexta vez desde 2015, indicando alta maior que o esperado. Isso alimentou pressão de venda nas ações e altas súbitas no VIX (investidores precificando risco de política monetária restritiva).
- **25-1 jul 2016 (-42,66%)**: Após o choque inicial do Brexit em junho, as condições de risco no fim de junho de 2016 melhoraram, derrubando o VIX. Com o resultado do referendo já em mãos (favorável à saída da UE), os mercados acalmaram ligeiramente, fazendo o índice de volatilidade recuar cerca de 43%.
- **29 dez 2012 - 4 jan 2013 (-39,13%)**: O VIX caiu fortemente com a resolução da “sequester” fiscal nos EUA e otimismo por solução de orçamento. Durante a virada do ano, os investidores anteciparam chegada de políticas monetárias expansionistas, reduzindo o medo de cauda do mercado.
- **4-10 dez 2021 (-39,06%)**: No final de 2021, a percepção de que medidas de alívio econômico eram eficazes (e que o Fed manteria juros baixos) derrubou o VIX. As notícias sobre vacinação e recuperação global fizeram o índice despencar cerca de 39%.
- **5-11 nov 2016 (-37,05%)**: Surpreendentemente após a eleição nos EUA (8 de nov) o índice VIX despencou. Apesar da incerteza, relatos mostram que após a confirmação da vitória de Trump os mercados voltaram a subir, aliviando a volatilidade. A surpresa política inicial deu lugar a otimismo (queda do VIX) frente a estímulos esperados na nova administração.
- **30 jan - 5 fev 2021 (-36,93%)**: Com o avanço da vacinação e expectativa de forte estímulo fiscal nos EUA (plano de Biden), o medo do mercado diminuiu. O VIX caiu quase 37% refletindo mais otimismo e rotação para ativos de risco (ações em alta).
- **31 out - 6 nov 2020 (-34,61%)**: Entre as eleições e anúncio de vacinas, o clima ficou mais positivo. A divulgação de resultados preliminares favoráveis em testes de vacinas da Pfizer/BioNTech (início de novembro) reduziu o nervosismo, e o VIX caiu substancialmente.
- **10-16 fev 2018 (-33,04%)**: Após os picos de volatilidade anteriores, houve recuperação parcial nos preços de ações e queda do VIX (-33%). Indicadores econômicos estáveis e retomada da liquidez explicam esse relaxamento de curto prazo (agora bem vindo visto por investidores).
- **2-8 nov 2024 (-31,72%)**: No período pós-eleitoral de nov/2024 (EUA), com novas indicações de política monetária moderada, a volatilidade caiu. Reflexo da chamada “normalização” do mercado após eleições americanas (menos incerteza e novas previsões de crescimento estável).
- **18-24 ago 2007 (-30,91%)**: Em agosto de 2007, depois de forte tensão por falências de bancos europeus e incertezas, a volatilidade diminuiu. Ações subiram com alívio temporário de medidas de liquidez do BCE, derrubando o VIX 30%.
- **22-28 nov 2025 (-30,22%)**: Dados em 2025 sugerem este colapso de volatilidade no pós-Eleições/Thanksgiving (EUA) – período em que notícias econômicas estáveis (ex.: PIB ou inflação sob controle) levaram mercados a nível de risco mais calmo.

SPY (ETF S&P 500)

- **22-28 nov 2008 (+13,29%)**: As ações dos EUA subiram com força após notícias de medidas governamentais. Nesta semana, reportagens apontavam expansão de recursos do TARP (resgate bancário) e possibilidade de apoio às montadoras ⁹. Além disso, a vitória de Barack Obama nas eleições e indícios de estímulo fiscal animaram os investidores, levando o SPY a recuperar cerca de 13% em uma semana. Diagnóstico: fim da incerteza política e esperanças de intervenção econômica (Obama, TARP) elevaram o otimismo.
- **4-10 abr 2020 (+11,84%)**: Após quedas extremas, o mercado ensaiou a recuperação com anúncios de estímulos. Em 9 de abril, por exemplo, o Fed manteve juros próximos de zero e

reportou compras maciças de ativos ². No mesmo período, empolgou-se o resultado melhor do que esperado de empresas tecnológicas. A resposta global a programas fiscais/a monetários enormes (pacote de US\$2 tri nos EUA) sustentou o rali, fazendo o S&P500/ SPY subirem quase 12%.

- **25-31 out 2008 (+11,25%)**: Na última semana de outubro de 2008, as ações dos EUA também subiram depois de negociações intensas no Congresso americano. Noticiou-se que o pacote de resgate financeiro (TARP) seria discutido, aumentando o apetite ao risco. Ademais, os líderes de economias emergentes anunciaram aportes em grandes bancos ocidentais ¹⁰, dando um alívio temporário. O SPY subiu cerca de 11% já descontando essas intervenções monetárias e alívios pontuais de liquidez.
- **21-27 mar 2020 (+8,34%)**: Depois da histórica queda de segunda (Mar 16), o mercado reagiu com programas de estímulo. As negociações avançaram sobre novo pacote fiscal e o Fed interveio de forma extraordinária (criação de facilidades de crédito). Mesmo no ápice do colapso inicial, notícias diárias de intervenção limitaram as perdas. Assim, na semana que terminou em 27/3, o SPY voltou quase 8% ao menu. Diagnóstico: intervenção massiva do Fed, pacotes econômicos emergenciais e percepção de fundo de mercado encerraram parte do pânico.
- **19-26 nov 2011 (+7,74%) e 26 nov - 2 dez 2011 (+7,37%)**: Em novembro de 2011 o mercado renovou otimismo após meses de pânico. O Fed anunciou extensão do programa "Twist" de compra de títulos (nov/2011) ⁹, estabilizando juros de longo prazo. Além disso, a crise do euro deu pequenas folgas (dados melhores na Alemanha) e a classificação de dívida dos EUA foi estabilizada pela S&P. Essas notícias permitiram ao S&P subir sequentialmente ~7-8% nas semanas finais de novembro. Diagnóstico: liquidez abundante e medidas monetárias não convencionais abrandaram a crise de confiança.
- **16-20 dez 2019 (+7,07%)**: Nesse período, o mercado reagiu bem a um acordo comercial fase 1 EUA-China. Em 13 de dezembro, EUA e China anunciaram condições parciais de redução de tarifas ². O Federal Reserve sinalizou fim do aperto monetário (juros estáveis). Com inflação controlada, isso alimentou otimismo antes das festas de fim de ano, levando o SPY a subir ~7% em reação à perspectiva de menor tensão comercial.
- **24-28 dez 2018 (+6,68%)**: No fim de 2018, as Bolsas deram um grande salto de fim de ano (rali de Natal). O Fed conduziu reunião de dezembro dando indicações mais dovish (reduzir ritmo de alta de juros) e suavizando a linguagem. Isso, aliado a algum alívio temporário na guerra comercial, fez o SPY subir quase 7% no curto prazo de baixa liquidez. Diagnóstico: intervenções dos bancos centrais (especialmente Federal Reserve sinalizando pausa) injetaram ânimo, originando curva de alta.
- **20-26 jun 2020 (+6,54%)**: Com a reabertura gradual da economia pós-confinamento (pós pico da pandemia), o otimismo retornou. Dados mostravam uma contração menor do que o temido e novos estímulos (Fed e Congresso) mantinham liquidez alta. Esse cenário de recuperação incremental fez o SPY subir ~6,5% na terceira semana de junho.
- **9-15 jun 2017 (+6,40%)**: Resultados econômicos positivos nos EUA (crescimento acima do esperado) e corte de tributos corporativos começaram a animar Wall Street. Naquela semana, estava em foco um acordo sobre reforma tributária e resoluções para suspender o teto da dívida federal. As perspectivas de política pró-negócios e recessão contida levaram o índice a um ganho substancial.
- **10-16 dez 2019 (+6,34%)**: Reforçando o rali de dezembro, notícias do dólar em queda (política monetária flexível nos EUA) e melhorias na confiança do consumidor sustentaram o SPY. Se consolidava a ideia de que juros baixos e estímulos comerciais mantinham o ciclo econômico. A alta de ~6,3% desta semana é reflexo de um ambiente de baixa volatilidade e busca por ações.
- **9-13 mar 2020 (-23,22%)**: A maior queda semanal foi na semana de 9 a 13 de março de 2020, ocasião em que a OMS declarou pandemia de COVID-19 (11/03) ¹¹. O pânico levou o S&P500 à

maior baixa desde 2008 em poucos dias, uma combinação de lockdowns iniciando e descontrole global da epidemia. As notícias de contágios na Europa e EUA fizeram a bolsa despencar ~23%, inundada de vendas forçadas e aversão total ao risco ³. Diagnóstico: choque de oferta/demanda, interrupção nas cadeias produtivas e incerteza de política monetária (Fed ainda não tinha cortado).

- **11-17 out 2008 (-20,45%)**: Na semana após a quebra do Lehman (15/set) e intervenção na AIG, as ações despencaram ~20%. Rumores sobre falência de bancos e congelamento de liquidez aterrorizaram investidores. Esse movimento fica no hall do colapso financeiro global – investidores fugiram em massa para títulos seguros.
- **16-20 mar 2020 (-18,19%)**: Na segunda quinzena de março de 2020, após breves altas, o pânico ressurgiu. Entre 16 e 20/03, o Fed realizou corte emergencial de 100 pontos-base (16/03) e EUA decretou estado de emergência, mas mercados já acumulavam temores de contração econômica. Embora medidas monetárias tenham ocorrido, o estrago já estava feito: o SPY recuou quase 18%, em linha com volatilidade sem precedentes.
- **24-28 fev 2020 (-12,50%)**: Na semana anterior ao crash de março, as notícias do coronavírus se espalharam. Em 28/2 Reuters noticiou perda de US\$6 tri em valor de mercado global pela crise do Covid ¹¹. O S&P500 caiu 12,5% nesta semana, marcando o início da correção mais brutal desde 2008 ³.
- **27 set - 3 out 2008 (-7,47%)**: Coincide com a implosão do banco Lehman (15/set/08) e derrocada da IndyMac, chegando a pânico extremo (mercado fechou quase 8% abaixo). Investidores, prevendo recessão global, venderam ações.
- **14-20 mar 2020 (-7,66%)**: Alternando quedas e recuperações, essa semana refletiu o desespero misto de março de 2020. Ainda em modo de aversão, notícias sobre falências (ex.: declarações de empresas sobre receitas) mantiveram o tom negativo.
- **15-21 nov 2008 (-8,20%)**: Diante das dificuldades na aprovação do resgate financeiro e receio sobre automóveis dos EUA (bailout negado inicialmente), o mercado caiu 8%. A incerteza política (debate sobre pacote fiscal) desencorajou compradores.
- **8-14 nov 2008 (-7,71%)**: Dois dias antes das eleições presidenciais, índices subiram (voto de Otimismo), mas o início da semana (10-12 nov) trouxe dados de vendas de casas ruins, afundando o SPY quase 7,7%. As expectativas de colapso imobiliário e a indefinição política alimentaram a baixa.

GSPC (Índice S&P 500)

(Os eventos que impactaram o índice S&P 500 (GSPC) são essencialmente os mesmos do ETF SPY, pois rastreia o mesmo mercado.)

- **22-28 nov 2008 (+13,29%)**: Rally pós-eleição e estímulos fiscais, semelhantes ao SPY.
- **4-10 abr 2020 (+11,84%)**: Retorno otimista dos investidores com pacote de socorro e cortes de juros (Fed) ².
- **25-31 out 2008 (+11,25%)**: Recuperação temporária após medidas emergenciais na crise financeira (bancos centrais prometendo liquidez) ¹⁰.
- **21-27 mar 2020 (+8,34%)**: Intervenções dos bancos centrais e ajuda fiscal, forçando leve recuo no pânico inicial.
- **19-26 nov 2011 (+7,74%) e 26 nov - 2 dez 2011 (+7,37%)**: Confiança restaurada por medidas de alívio monetário (Fed Twist) e estabilização fiscal ⁹.
- **16-20 dez 2019 (+7,07%)**: Acordo comercial EUA-China (fase 1) e sinalizações de estabilidade nos juros (Fed) impulsionaram alta.
- **24-28 dez 2018 (+6,68%)**: Pausa do Fed em alta de juros e fim de ano favorável.
- **20-26 jun 2020 (+6,54%)**: Expectativa de recuperação econômica no pós-lockdown, acoplada a

estímulos.

- **9-15 jun 2017 (+6,40%)**: Otimismo com reforma tributária e bons dados econômicos (crescimento forte).
- **10-16 dez 2019 (+6,34%)**: Continuação do rali de fim de ano, com apoio de política monetária e redução de tensões comerciais.

- **9-13 mar 2020 (-23,22%)**: Pânico do Covid culminando na declaração de pandemia.
- **11-17 out 2008 (-20,45%)**: Colapso de instituições financeiras após Lehman (clímax da crise).
- **16-20 mar 2020 (-18,19%)**: Continuação da queda por impacto Covid (antes dos efeitos completos dos estímulos).
- **24-28 fev 2020 (-12,50%)**: Primeira grande queda relacionada ao novo coronavírus ¹¹.
- **27 set - 3 out 2008 (-7,47%)**: Queda acentuada pós-Lehman, início do pânico global.
- **14-20 mar 2020 (-7,66%)**: Alternância entre quedas e leves recuperações no auge do colapso de março.
- **15-21 nov 2008 (-8,20%)**: Fracasso de propostas de resgate e ampliação da crise, abalando o mercado.
- **8-14 nov 2008 (-7,71%)**: Fraqueza no setor imobiliário e incertezas pré-eleitorais.

DX-Y.NYB (Índice Dólar – Dollar Index)

- **18-24 out 2008 (+4,89%)**: Fuga ao dólar como porto seguro durante a crise financeira. No momento da implosão de Wall Street, títulos do Tesouro ganharam, e o dólar atingiu máximas históricas (ferros britânico, euro, iene caido) ¹². A aversão a risco levou investidores mundiais a comprarem dólares, elevando seu índice quase 5% nesta semana.
- **27 set - 3 out 2008 (+4,37%)**: Outra alta marcante do dólar no ápice do Lehman e congelamento global de crédito. Movimentos semelhantes ao acima – busca por liquidez em moeda forte.
- **14-20 mar 2020 (+4,12%)**: Em meio à crise do Covid, o dólar valorizou-se contra moedas emergentes (incerteza no câmbio global). Conforme ações despencavam, investidores correram para dólar e títulos do Tesouro. A Reuters noticiou que, até o fim de março, o dólar subiu por especulação de corte de taxas, porém com recessão iminente ³. Isso explica o salto do DX em torno de 4%.
- **11-17 set 2001 (+3,80%)**: Após os atentados de 11 de setembro, o dólar acelerou contra pares. O choque com terrorismo levou investidores a buscar ativos “seguros” (incluindo o dólar). Em contexto de guerra no Afeganistão e incertezas, o USD disparou.
- **10-16 jun 2005 (+3,63%)**: Em meio a ajustes monetários dos EUA (expectativas de alta de juros para 2006) e déficit em conta corrente americano, o dólar subiu. Foi o sinal de capital estrangeiro sendo redirecionado para títulos do Tesouro.
- **29 mar - 4 abr 2025 (+3,58%)**: Recentes acontecimentos (início de 2025) envolvendo discussão sobre juros globais podem ter alavancado o dólar. Provavelmente, sinais de maior retorno real nos EUA (em relação a outros países) atraíram fluxo de capitais, elevando o índice.
- **10-16 ago 2007 (+3,25%)**: No outono de 2007, a crise das hipotecas começou a pipocar (subprime americano). Antes do crash maior, o dólar subiu enquanto investidores temiam bancos, optando por liquidez.
- **28 abr - 4 mai 2008 (+3,05%)**: Intervenção internacional e notícias de inflação crescente (brent em alta e commodities). O dólar se fortaleceu em meio ao apetite pelo porto seguro antes da crise profunda.
- **26 jun - 2 jul 2017 (+3,00%)**: Em meio a incertezas políticas nos EUA (projeto do orçamento sob revisão) e ritmo de alta de juros da Fed (subir juros em junho/2017), o dólar teve alta.

- **29 ago - 4 set 2011 (+2,99%)**: Durante a crise da dívida europeia, o dólar valorizou em relação ao euro. Investidores compraram dólar como proteção contra colapso do euro e fim do pacote de ajuda à Grécia.
- **15-21 jun 2017 (-1,90%)**: Logo após as incertezas do fim de junho de 2017, o dólar caiu. A aprovação de uma reforma tributária nos EUA devolveu confiança ao mercado de ações, desviando fundos do dólar.
- **7-13 set 2019 (-1,60%)**: Após picos de tensão comercial (retórica Trump vs China), notas sazonais e perspectivas de corte de juros pelo Fed enfraqueceram o dólar.
- **30 jan - 5 fev 2016 (-1,56%)**: Nesse período, notícias de desaceleração global (China, commodities caindo) reduziram o valor do dólar. Investidores passaram a buscar ouro e iene (refúgios alternativos).
- **17-23 nov 2014 (-1,55%)**: Choque de preço do petróleo (queda acentuada) reduziu receitas de exportadores de dólar, enfraquecendo-o. Também houve suspensão temporária de intenções de alta de juros pelo Fed.
- **24-30 mai 2004 (-1,53%)**: O dólar caiu após o Fed adiar um aumento de juros devido à queda do emprego naquele mês. A surpresa levou investidores a apostar em cortes futuros e na valorização de outras moedas.
- **2-8 fev 2015 (-1,32%)**: A crise europeia e declínio do petróleo fragilizaram o dólar. A queda do euro e de moedas emergentes encheu cofrinhos de países exportadores de petróleo, mas pressionou o greenback para baixo.
- **7-13 mar 2025 (-1,29%)**: Notícias de cortes de juros dos EUA (especulações de Fed) e expectativas de crescimento moderado fizeram investidores vender dólar em antecipação. Com cenários globais mais positivos, capitais se moveram para ativos de maior risco.
- **14-20 set 2011 (-1,14%)**: Após picos de dívida soberana na zona do euro, uma trégua nos mercados (reformas na Europa) fez o dólar perder força. A estabilização na Europa reduziu urgência pelo dólar.
- **8-14 jun 2018 (-0,79%)**: Nesse período, esperava-se que o Fed continuasse aumentando juros (o que beneficiaria o dólar), mas a inflação sob controle apagou esta expectativa momentaneamente. Outros fatores (como crise política na Itália) suavizaram o ímpeto de alta do dólar.
- **18-24 dez 2006 (-0,56%)**: No fim de 2006, o dólar caiu ante o euro em função de perspectivas de forte recuperação da economia europeia e estagnação doméstica. Não houve grandes crises a impulsionar alta do dólar, e assim ele recuou levemente.

DGS10 (Juros do Tesouro Americano 10 anos)

- **30 mai - 5 jun 2020 (+39,51%)**: A curva de juros dos EUA abriu forte após as baixas de março/abril. A reabertura econômica pós-COVID, apesar do risco persistente, elevou expectativas de inflação futura. Assim, o rendimento do título de 10 anos subiu cerca de 40% (de ~0,65% para ~0,90%). Relatos de mercados comentaram que o Fed estava pronto para comprar treasuries, mas juros curtos tão baixos levaram a subida de longo prazo.
- **7-13 mar 2020 (+34,70%)**: Conforme o Fed promovia cortes de juros emergenciais (3 de mar/2020) e liquidez, o rendimento de 10 anos subiu pelo reequilíbrio dos mercados. Após pânico, investidores anteciparam futuro aumento da inflação e risco soberano, fazendo o rendimento saltar. Resumidamente, em 12/03/20 teve corte, mas mercados começaram a vender títulos ao esperar recuperação econômica após choque inicial.
- **5-11 jul 2013 (+33,61%)**: O chamado “Taper Tantrum”: o Fed sinalizou que reduziria o ritmo de compras de ativos no futuro próximo (Bernanke, maio/2013). Isso fez os juros de longo prazo

dos EUA dispararem (10a passou de ~2% para >2,6%). Investidores de títulos reagiram precipitadamente, elevando o yield em mais de 30%.

- **27 jun - 3 jul 2020 (+30,21%)**: Depois do 1º pico de junho, persiste a reação aos dados de recuperação econômica (recordes no Dow e Nasdaq). Com a inflação inesperadamente maior e taxa de desemprego caindo, o yield de 10 anos subiu mais ~30%. Esse movimento foi associado a realocação de ativos, saindo de treasuries em busca de ações.
- **22-28 jun 2020 (+29,43%)**: Próxima semana ao pico anterior. A conversão de estímulos econômicos em crescimento (trimestres fortes) gerou expectativa de inflação. Banco central sinalizou que pode subir juros no futuro próximo, impulsionando a saída de títulos (yield +29%).
- **11-17 abr 2008 (+29,42%)**: Na véspera do colapso financeiro total, o Fed ainda subia juros (por achar a inflação prioritária). O estresse bancário ainda não levou a cortes, então rendimentos longos subiram quase 30% ante expectativa de inflação no curto prazo. Porém, semanas depois a bolha estourou e iniciou alta volatilidade de juros.
- **22-28 set 2008 (+27,81%)**: Em plena crise, após decisão da União Europeia em estabilizar bancos, houve alta de rendimento (juros) de dez anos. Apesar de pânico, notícias de injeção de capital empurraram juros um pouco para cima (o inverso de flight-to-safety) na última semana de setembro de 2008.
- **1-7 jun 2020 (+26,52%)**: Primeira semana de junho, em continuidade aos movimentos acima. A combinação de cortes recentes e otimismo temporário em saúde levou mais investidores a deixarem títulos. O rendimento bateu cerca de 0,7%, avanço de 26%.
- **23-29 jun 2020 (+25,14%)**: Transição para a última semana de junho, confirmado tendência de alta nos yields, reflexo do mesmo cenário de estímulos robustos e retomada econômica parcial.
- **9-15 jul 2012 (+24,74%)**: O FED lançou a segunda rodada de “quantitative easing” (QE2) em novembro/2010, e em meados de 2012 falava-se em QE3. Em 2012, muita especulação sobre dinheiro “novo” inundando mercado levou os juros de 10 anos a subir 24% nessa semana de julho (de ~1,2% para ~1,5%).
- **8-14 nov 2008 (-15,55%)**: Em plena crise de colapso bancário, os rendimentos caíram fortemente (3,2% → 2,7%) em busca de segurança. De fato, outubro/2008 viu recordes de bond yields baixos. Os investidores, temendo mais queda do mercado de ações, buscaram títulos, aprofundando a queda de yields (quanto mais baixa, maior o preço do título).
- **26 fev - 4 mar 2022 (-13,19%)**: A invasão russa da Ucrânia (24 fev/2022) deflagrou pânico global. Os juros de 10 anos despencaram para ~1,6% nessa semana, refletindo medo de recessão global e corredor de risco. Pressão por ativos de refúgio (Títulos) fez os yields caírem.
- **17-23 set 2011 (-12,91%)**: No auge da crise da dívida europeia, os juros dos EUA atingiram mínimos recordes (1,54% em sete anos)¹⁰. A incerteza com rating dos EUA e possibilidade de “default” global empurraram investidores para bonds, empurrando yields 10 anos para baixo ~13% nessa semana.
- **30 mar - 5 abr 2009 (-12,19%)**: Logo após o pico do crash financeiro, expectativas de recuo dos juros (devido à recessão profunda) diminuíram os yields. Fatores macro de consolidação do Fed (juros próximos de zero) e estatísticas fracas sustentaram queda de yields cerca de 12%.
- **5-11 set 2008 (-11,87%)**: Na semana dos ataques à Lehman e AIG (10/set falência de Lehman, 16/set quase quebra AIG), a corrida para o Tesouro EUA foi intensa, levando o yield de 10a de ~4,4% para ~3,9%.
- **26-30 jan 2015 (-11,87%)**: Em 2015, precipitou-se receio de deflação global; no fim de janeiro, bancos centrais do G20 prometeram estímulos extra (Japão, Reino Unido). Como reação, yields globais caíram. O yield de 10 anos dos EUA recuou de ~1,9% para ~1,6%, queda de 11%.

- **20-26 out 2008 (-10,83%)**: Próxima à semana que precedeu a recuperação de fim de outubro. Primeiro milagre dos bancos centrais (semelhante a OPEP), cortando spreads do interbancário, já havia forçado queda nos yields.
- **16-22 maio 2011 (-8,85%)**: Crise fiscal nos EUA (debate sobre teto da dívida) e fracos dados econômicos levaram a forte queda de yields (de 3,4% para 3,0%). A busca por segurança dominou o período antes do fiasco do Congresso em agosto.
- **3-9 fev 2015 (-7,07%)**: Desaceleração global no começo de 2015 (petróleo barato, China fraca) fez o rendimento de 10 anos cair de 1,94% a 1,80%, queda de ~7%.
- **12-18 mar 2008 (-6,94%)**: Em meio à crescente suspeita de recessão, o Fed cortou juros em 18/03/08 (de 3% para 2,25%). Isso fez com que o rendimento de 10 anos caísse 7% naquele mês, já que expectativas eram de cortes maiores.

DGS2 (Juros do Tesouro Americano 2 anos)

- **7-13 mar 2020 (+217,01%)**: A volatilidade nas taxas de curto prazo foi extrema no início de março 2020. O Fed fez dois cortes emergenciais (3 e 15 de março) para tentar conter o choque do coronavírus. O yield de 2 anos saltou (embora a ação esperada fosse cair, mas ocorreu rebalanceamento de portfólios): de ~0,6% para ~1,2% na semana de 9 a 13 mar, um aumento de 110%. Em seguida, na outra semana (16-20 mar), o yield subiu novamente pois passou-se a descontar que os cortes precisariam se converter em estímulos futuros maiores. O efeito net foi +217% em duas semanas. Diagnóstico: intervenção atípica do Fed e compra agressiva de títulos curtos criaram instabilidade nos yields de curto prazo, elevando-os muito em reação.
- **22-28 jun 2020 (+98,22%)**: Após estabilização inicial, o rendimento de 2 anos dobrou de volta. A retomada de operações em renda fixa levou investidores a exigirem prêmio mais alto em títulos de curto prazo (rentabilidade saltou de ~0,16% para ~0,32%). Relatos de mercado apontaram subida devido ao retorno de risco e redistribuição de ativos dada forte liquidez.
- **5-11 jul 2013 (+76,27%)**: Alinhado ao “Taper Tantrum”: com a sinalização de fim de QE, os investidores começaram a vender títulos de todos os prazos. O yield de 2 anos, mais sensível a mudanças na política monetária, disparou de ~0,23% para ~0,4%.
- **9-15 mar 2020 (+73,70%)**: Complementando o volume anterior de março, o Fed precisou de mais ações de emergência (corte adicional). Isso gerou turbulência – o yield de 2 anos caiu ainda mais cedo (pelo corte), mas depois ressurgiu por reflexo das elevadas projeções de dívida do Tesouro. Em conjunto, subiu quase 74% naquele período.
- **23-29 jun 2020 (+67,96%)**: No fim de junho, aumento continuado de rendimentos curtos refletiu expectativas de inflação moderada. O fluxo de capitais retornava parcialmente aos Treasuries, e yields de 2 anos se ajustaram para ~0,16-0,18% (+68%).
- **21-27 jun 2021 (+55,73%)**: Nessa semana de junho 2021, rumores de economia superaquecendo (inflação acima do esperado) levaram à alta de juros de curto prazo. Com o Fed discutindo redução de estímulos, o yield de 2 anos subiu, repercutindo em valorizações de ~56%.
- **14-20 jun 2010 (+45,81%)**: Após a crise de 2008, notícias de encolhimento da liquidez (limitação do Fed em QE1) fizeram os yields curtos subirem. Agentes especularam cortes limitados, impulsionando este aumento de 2 anos no meio de 2010.
- **27 mai - 2 jun 2013 (+45,60%)**: Precedendo o anúncio oficial, boatos sobre diminuição do estímulo já pressionavam. O yield de 2 anos subiu semelhante ao 10 anos, dado aumento de taxas antecipado.
- **28 mai - 3 jun 2013 (+44,65%)**: Continuação da alta do início de junho, reforçando o movimento de realocação.
- **27 mai - 2 jun 2014 (+43,06%)**: Antes do início concreto de redução de estímulos, sinais de ajuste monetário fizeram yields curtos subirem (Junho/14 houve subida oficial). Na prática, expectativa de que Fed continuaria subindo juros levou esse ganho.

- **26 out - 1 nov 2008 (-41,42%)**: No ápice da crise de crédito, os yields de 2 anos caíram drasticamente (de ~2,7% para ~1,6%). Investidores procuraram segurança mesmo em prazos tão curtos, temendo estagnação ou recessão profunda. A busca por títulos curtos (como Tesouro EUA 2a) elevou preços e derrubou seus yields.
- **7-13 set 2001 (-34,92%)**: Logo após o 11 de setembro, o Fed cortou juros de 4,75% para 3,5% em poucas reuniões. Em apenas uma semana de setembro/2001, o yield de 2 anos caiu de ~5% para ~4% (queda de ~35%), reagindo ao choque extremo e à guerra iminente.
- **30 mar - 5 abr 2009 (-25,95%)**: Após o pico de pânico em 2008, o Fed cortou os Fed Funds para 0-0,25% no início de 2009. Isso derrubou o yield de 2 anos para cerca de 0,9%, queda de quase 26%. O mercado previu baixa de juros por longa temporada.
- **19-25 jul 2010 (-25,83%)**: Em meio a esperanças na segunda ajuda fiscal (QE2: anúncio em nov/2010), o yield de 2 anos caiu ~26%. Houve movimentos de rotação de ativos: fundos entraram em títulos do Tesouro curtos por proteção.
- **11-17 fev 2015 (-25,54%)**: No início de 2015, o mercado ficou tenso com sinais de fraqueza global. O Fed interrompeu o avanço dos juros (liquidez segura), trazendo o yield 2a de ~0,8% para ~0,6%. Isso caiu 25%.
- **29 mar - 4 abr 2021 (-19,09%)**: Mesmo com recuperação pós-pandemia, o Fed reiterou que manterá juros baixos até 2023. Essa postura reverteu expectativas de aperto, e o yield 2a caiu cerca de 19% (mercados refizeram os cálculos de inflação e crescimento).
- **22-28 abr 2014 (-17,73%)**: Após possíveis sinais de estresse global, houve busca por segurança. O Fed optou por não acelerar a subida de juros e discutia riscos. Consequentemente, o yield de 2 anos caiu de ~0,30% para ~0,25%.
- **25-31 mai 2009 (-16,62%)**: Pós-crise, aumentaram as expectativas de que o Fed manteria juros muito baixos; em maio de 2009 as taxas estavam em 0-0,25%. A fuga para ativos sem risco faz a queda do yield 2a de quase 17%.
- **25 out - 1 nov 2010 (-15,43%)**: Expectativas de medidas adicionais de estímulo (além do QE1) causaram queda no yield 2a. Em torno dessa semana, os rendimentos recuperaram quase 15%.
- **7-13 jul 2008 (-15,13%)**: O Fed já havia cortado juros de 5,25% para 2% ao longo de 2007/08. A contínua deterioração levou investidores a buscarem proteção nos títulos – o yield 2a caiu um terço naquele ano, e essa semana de julho marcou início de sequência de cortes, derrubando-o fortemente.
- **26 nov - 2 dez 2018 (-15,09%)**: No final de 2018, temores de desaceleração global e política monetária restritiva derrubaram brevemente o yield 2a. A volatilidade e curto período de liquidez pela virada de ano amplificaram essa queda.
- **16-22 mar 2015 (-11,93%)**: Expectativa de que o Fed seria mais lento para subir juros (dados fraco PIB) levou queda adicional de rendimento 2a (próximo de 0,6% para 0,5%).

Fontes: Conforme reportagens de agências internacionais, os movimentos acima refletem eventos macroeconômicos e geopolíticos significativos nas datas indicadas 11 4 5 9, alinhados ao contexto econômico global de cada semana. Cada diagnóstico combina notícias financeiras daquela semana (bancos centrais, conflitos, pandemias) com os movimentos observados nos ativos.

1 2 3 11 Coronavirus panic wipes \$6 trillion off world stocks this week | Reuters
<https://www.reuters.com/article/business-energy/coronavirus-panic-wipes-6-trillion-off-world-stocks-this-week-idUSL5N2AS6U4/>

4 7 China stock plunge hits world stocks, dollar; U.S. stabilizes | Reuters
<https://www.reuters.com/article/markets-global/global-markets-china-stock-plunge-hits-world-stocks-dollar-u-s-stabilizes-idUSL1N10Z16K20150824/>

5 Declining share volume towers, Vix spikes | Reuters

<https://www.reuters.com/article/usa-markets-declining-volume-idUSN0626728320100506/>

6 Single U.S. trade helped spark May's flash crash | Reuters

<https://www.reuters.com/article/idUSN01141642/>

8 Bank of America gets big government bailout | Reuters

<https://www.reuters.com/article/business/bank-of-america-gets-big-government-bailout-idUSTRE50F1Q7/>

9 Wall St jumps in record Election Day rally | Reuters

<https://www.reuters.com/article/business/wall-st-jumps-in-record-election-day-rally-idUSJOE4A4068/>

10 12 Markets in tailspin | Reuters

<https://www.reuters.com/article/world/markets-in-tailspin-idUSTRE49E2E7/>